

O ENSINO DE CIÊNCIAS COMO PRÁTICA EM LABORATÓRIO PARA ALUNOS DA EJA

Autor Nivia Maria Rodrigues dos Santos¹; Co-autor Angelica Erica da Silva Sotero¹; Co-autor Dennefe Vicência Bendito²; Orientador Ms Liliane Silva Câmara de Oliveira

(*Universidade Estadual da Paraíba – niviabiologia@hotmail.com¹; Instituto Federal do Rio Grande do Norte – angelicas.sotero@gmail.com²; Universidade Estadual da Paraíba – dennefe.ly@hotmail.com³ – lilianecamara2007@hotmail.com;*

Resumo: A aula prática constitui um importante recurso metodológico facilitador do processo de ensino-aprendizagem nas disciplinas da área das Ciências da Natureza. Através da experimentação, alia teoria à prática e possibilita o desenvolvimento da pesquisa e da problematização em sala de aula, despertando a curiosidade e o interesse do aluno. Transforma o estudante em sujeito da aprendizagem, possibilitando que o mesmo desenvolva habilidades e competências específicas. Nesse contexto, o presente artigo objetivou analisar, através de uma pesquisa qualitativa realizada com vinte e cinco alunos da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), a importância da aula prática para a construção significativa do conhecimento na visão do aluno. Com a análise dos resultados obtidos na pesquisa foi possível observar que os discentes concordam e acreditam que a aula prática seja um recurso importante no processo de desenvolvimento da aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Aula Prática; Aprendizagem significativa; Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

No contexto atual observa-se uma constante busca pelo aperfeiçoamento dos processos educativos, visto que o modelo de educação tradicional tem sido alvo de muitas críticas. Nota-se a necessidade de aliar educação à inovação, criatividade e modernização na sala de aula, visando atingir uma geração cada vez mais informada e tecnológica, onde a aula tradicional esta perdendo espaço.

Conforme Demo, (2011, p.9) “a aula que apenas repassa conhecimento, ou a escola que somente se define como socializadora do conhecimento, não sai do ponto de partida, e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução. Vira treinamento”. Por tanto, para possibilitar a aprendizagem significativa é necessário transformar o aluno em sujeito da ação de aprender.

Ainda conforme Demo (2011, p. 41), cabe ao professor competente conduzir essa aprendizagem significativa, orientando o aluno permanentemente para expressar-se de maneira fundamentada, exercitar o questionamento e formulação própria, reconstruir autores e teorias e levar ao cotidiano a pesquisa.

O Professor pode utilizar diferentes recursos, com o objetivo de tornar o conteúdo teórico mais interessante, motivador e próximo da realidade. O uso de apresentações de slides, vídeos, debates, feiras, atividades práticas, entre outros, procura tornar mais fácil o aprendizado e compreensão dos conteúdos programáticos. Nas disciplinas da área de Ciências da Natureza as

saídas de estudos e as aulas práticas em laboratórios tornam-se importantes instrumentos de pesquisa, permitindo ao aluno experimentar situações problematizadas e vivenciar a teoria trabalhada em sala de aula.

De acordo com Demo (2011, p. 13) salienta que base da educação escolar é a pesquisa, e através dela é possível desenvolver no aluno o questionamento sistêmico e reconstrutivo da realidade. Essa reconstrução compreende o conhecimento inovador e sempre renovado, tendo como base a consciência crítica. Dessa forma, o aluno inclui a sua própria interpretação, formulação pessoal, aprende a aprender e a saber pensar.

Diante dessa realidade, esse artigo objetiva analisar a visão do estudante da EJA sobre a importância da vivência da aula prática na construção e/ou aperfeiçoamento do seu conhecimento. Para tanto, foi aberto uma roda de conversa após a aula para discutir sobre o que o trabalho objetiva.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensino de Ciências na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A EJA se diferencia do ensino regular principalmente pelo seu público. OLIVEIRA (1999) afirma que o aluno de EJA possui diferenças na aquisição do conhecimento principalmente por estar inserido no mundo do trabalho e das relações entre as pessoas de modo diferente da criança e do adolescente.

Para Oliveira, (1999):

“O adulto (...) traz consigo uma história mais longa de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si e sobre as outras pessoas. Com relação à inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa da vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e seus próprios processos de aprendizagem” (OLIVEIRA, 1999).

O ensino de Ciências Naturais procura considerar essas peculiaridades relacionando os fenômenos da biologia, física e química entre si e com o cotidiano dos seus alunos. As reflexões e discussões em sala de aula são propostas a fim de que esses alunos desenvolvam uma visão crítica a respeito de seu próprio corpo, de suas relações com o meio em que vivem e das transformações que acontecem em diversos campos de sua vida (SILVA et. al., 2004).

Os professores inserem os conhecimentos científicos em sala de aula de modo que seus alunos vejam e reflitam sobre os mesmos. Esses procedimentos estão conforme os parâmetros curriculares nacionais para jovens e adultos que preconizam a integração entre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a vida cidadã, de modo que cada componente curricular contribua com uma melhor orientação para o trabalho e com a ampliação dos significados das experiências de vida dos alunos.

Eles devem ter acesso aos conhecimentos que poderão promover e ampliar suas interpretações sobre aspectos individuais e coletivos que condicionam a saúde e a reprodução

humanas, sobre as transformações dos ecossistemas no planeta como um todo e particularmente no lugar onde vivem.

Questões como essas pautam a formulação desta proposta para o currículo de Ciências Naturais (MEC/SEF, 2002). As aulas práticas podem ajudar no desenvolvimento de conceitos científicos, além de permitir que os estudantes aprendam como abordar objetivamente o seu mundo e como desenvolver soluções para problemas complexos (LUNETTA, 1991).

Além disso, as aulas práticas servem de estratégia e podem auxiliar o professor a retomar um assunto já abordado, construindo com seus alunos uma nova visão sobre um mesmo tema.

Quando compreende um conteúdo trabalhado em sala de aula, o aluno amplia sua reflexão sobre os fenômenos que acontecem à sua volta e isso pode gerar, conseqüentemente, discussões durante as aulas fazendo com que os alunos, além de exporem suas ideias, aprendam a respeitar as opiniões de seus colegas de sala. HODSON (1998) afirma que as atividades práticas também podem ser feitas através de trabalhos de campo, computadores e estudos em museus.

A sala de aula se torna um ambiente de prática, através do deslocamento de materiais para a mesma. Isso faz, muitas vezes, com que o professor considere dispensável o uso do laboratório. No entanto, as aulas práticas no ambiente de laboratório podem despertar curiosidade e, conseqüentemente, o interesse do aluno, visto que a estrutura do mesmo pode facilitar, entre outros fatores, a observação de fenômenos estudados em aulas teóricas.

O uso deste ambiente também é positivo quando as experiências em laboratório estão situadas em um contexto histórico-tecnológico, relacionadas com o aprendizado do conteúdo de forma que o conhecimento empírico seja testado e argumentado, para enfim acontecer à construção de ideias. Além disso, nessas aulas, os alunos têm a oportunidade de interagir com as montagens de instrumentos específicos que normalmente eles não têm contato em um ambiente com um caráter mais informal do que o ambiente da sala de aula (BORGES, 2002).

O uso do laboratório nas aulas de Ciências

A vertente ciência na escola de Ensino Fundamental II tem como objetivo assegurar que os estudantes disponham de uma educação científica de qualidade. Esta linha de ação dirigida à população que está na escola tem como objetivo final à formação efetiva do aluno, mediante a melhoria do processo ensino-aprendizagem, que deve enfatizar conhecimentos e ferramentas de informação e comunicação com caráter social, que permitam aos alunos enfrentarem os problemas atuais, especialmente àqueles que afetam a sua própria comunidade. Também se fortalece o valor funcional das Ciências, de onde o aluno adquire as competências necessárias para indagar, explicar, conhecer, interagir e conviver com a realidade natural, bem como se valoriza a importância da dimensão afetiva, emocional, ética e axiológica desse ensino.

A superação de concepções simplistas ou preconceituosas está diretamente relacionada à ampliação da visão de mundo do estudante e de sua cultura geral.

O professor de Ciências da EJA tem como objetivo contribuir para colocar a disposição da sociedade conhecimentos científicos necessários para melhorar sua qualidade de vida e facilitar o acesso ao saber científico. A ênfase se dá a partir da utilização da investigação, da experimentação,

das tecnologias interativas de informação e comunicação como ferramentas pedagógicas de apoio às atividades presenciais da disciplina. A abordagem ideal deve valorizar a capacidade de o aluno produzir explicações que não se reduzam ao senso comum e às observações cotidianas.

É preciso avançar na compreensão do conhecimento científico. Para tanto, de modo reiterado em sua escolaridade, os alunos precisam conhecer as bases lógicas e culturais que apoiam as explicações científicas, exercitando essa lógica e essa linguagem. O professor não deve perder as oportunidades de explicar por que as observações cotidianas e o senso comum são diferentes do conhecimento científico. E também discutir com eles pontos falhos e os argumentos coerentes, valorizando a reflexão e assim conduzindo a evolução do modo de pensar e dos conteúdos.

Segundo Lima et al (1999), a experimentação inter-relaciona o aprendiz e os objetos de seu conhecimento, a teoria e a prática, ou seja, une a interpretação do sujeito aos fenômenos e processos naturais observados, pautados não apenas pelo conhecimento científico já estabelecido, mas pelos saberes e hipóteses levantadas pelos estudantes, diante de situações desafiadoras. Além ser um local de aprendizagem, o laboratório é um local de desenvolvimento do aluno como um todo.

Conforme Capeletto (1992), existe uma fundamentação psicológica e pedagógica que sustenta a necessidade de proporcionar à criança e ao adolescente a oportunidade de, por um lado, exercitar habilidades como cooperação, concentração, organização, manipulação de equipamentos e, por outro, vivenciar o método científico, entendendo como tal a observação de fenômenos, o registro sistematizado de dados, a formulação e o teste de hipóteses e a inferência de conclusões.

As atividades práticas não devem se limitar a nomeações e manipulações de vidrarias e reagentes, sendo fundamental que se garanta o espaço de reflexão, desenvolvimento e construção de ideias, ao lado de conhecimentos de procedimentos e atitudes. O planejamento das atividades práticas deve ser acompanhado por uma profunda reflexão não apenas sobre sua pertinência pedagógica, como também sobre os riscos reais ou potenciais à integridade física dos estudantes. (Brasil, 1998)

Para Capelleto (1992), permitir que o próprio aluno raciocine e realize as diversas etapas da investigação científica (incluindo, até onde for possível, a descoberta) é a finalidade primordial de uma aula de laboratório. Daí a importância da problematização, que é essencial para que os estudantes sejam guiados em suas observações. Quando o professor ouve os estudantes, sabe quais são suas interpretações e como podem ser instigados a olhar de outro modo para o objeto em estudo (Brasil, 1998).

Ao redigir um roteiro de aula prática, todas as instruções devem ser muito precisas e explícitas, de modo que cada grupo de alunos possa trabalhar seguindo seu próprio ritmo, sem solicitar constantemente a presença do professor. Deve-se intercalar a sequência de ações e observações com questões para discussão, de modo que os alunos registrem suas observações e conclusões à medida que a atividade se desenvolve (Capeletto, 1992).

Mesmo em aulas práticas demonstrativas, devido às condições adversas, como falta de tempo, falta de materiais necessários ou devido ao grande número de alunos, é possível seguir o modelo alternativo de ensino desde que o professor solicite que os estudantes apresentem

expectativas de resultados, expliquem aqueles obtidos e os comparem aos esperados, sempre orientando discussões e levantando problemas.

Para que as aulas de laboratório se tornem mais interessantes, é importante uma ambientalização do laboratório com plantas, peixes e invertebrados, para que os alunos tenham contato direto com os seres vivos. Além disso, outro aspecto importante de um laboratório é que não pode ser silencioso como uma biblioteca, uma vez que vários grupos de alunos estarão trabalhando ao mesmo tempo, cada um em seu ritmo. Mas deve-se evitar o excesso de barulho e limitar o trânsito de pessoas ao mínimo necessário. Mesmo que exista um técnico de laboratório encarregado de preparar e guardar o material das aulas, é importante que o próprio grupo de alunos, ao terminar suas atividades, deixe tudo como foi encontrado (Capeletto, 1992).

Para a realização de práticas de laboratório, não são necessários aparelhos e equipamentos caros e sofisticados. Na falta deles, é possível, de acordo com a realidade de cada escola, o professor realize adaptações nas suas aulas práticas a partir do material existente e, ainda, utilize materiais de baixo custo e de fácil acesso (Capeletto, 1992).

A era da informação na qual vivemos exige reflexão sobre os conteúdos ensinados e sobre as estratégias empregadas na sala de aula. O estímulo e o desenvolvimento da Educação Científica se fazem necessários por possibilitarem ao aluno melhor acompanhamento da evolução da Ciência, das transformações que ocorrem na natureza e da história do homem. O ensino de Ciências deve despertar o raciocínio científico e não ser apenas informativo.

PROCEDIMENTO METODOLOGICO

O presente trabalho trata-se de uma abordagem qualitativa descritiva, realizado no município de Cubatí/PB, localizado na mesorregião da Borborema e microrregião do Seridó Oriental da Paraíba, em uma Escola Pública: Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Simão Fileto, com vinte e cinco alunos da EJA.

O percurso metodológico foi dividido em dois momentos: No primeiro momento em duas aulas de 30 minutos, fizemos uma abordagem do conteúdo programático sobre células com aula expositiva em apresentação de Power point, informando os conceitos sobre a célula, sua estrutura básica e organelas, apresentação de imagens de célula animal e vegetal. O segundo momento foi realizado uma aula prática para visualizarmos a célula animal e vegetal ao microscópio, em um laboratório da Escola Estadual Iolanda Tereza Chaves Lima, do mesmo município, da qual fizemos uma parceria, em duas aulas de 30 minutos cada. O terceiro momento, abrimos uma roda de conversa, em que os alunos puderam expressar suas opiniões sobre a importância da aula e sua aprendizagem.

O segundo momento foi realizado uma aula prática para visualizarmos a célula animal e vegetal ao microscópio, em um laboratório da Escola Estadual Iolanda Tereza Chaves Lima, do mesmo município, da qual fizemos uma parceria, em duas aulas de 30 minutos cada, a priori ao chegar ao laboratório entregamos um tutorial explicando os materiais que iríamos utilizar e como deveria ser o procedimento da prática, fizemos uma apresentação do laboratório, explicando todas

as estruturas do microscópio, e dos materiais que íamos utilizar para realização da prática pedimos que os alunos fizessem a manipulação dos materiais e realizassem todo o procedimento.

Para realizarmos as praticas utilizamos os seguintes materiais: para visualizarmos a célula vegetal, usamos luvas, lâminas, lamínulas, azul de metileno, finíssima película do bulbo da cebola, pinça, faca, papel toalha, microscópio. E para visualizarmos a célula animal, usamos luvas, lâminas, lamínulas, azul de metileno, esfregaço da mucosa da boca de uma aluna cobaia, cotonete, pinça, faca, papel toalha, microscópio.

O procedimento utilizado para visualizar a célula vegetal foi retirar uma finíssima película do bulbo da cebola colocar em uma lamina adicionar uma gota de azul de metileno, colocar a lamínula cobrindo e retirar o excesso como papel toalha, após isso, colocou a lamina no microscópio e com a lente de 40x pudemos observar a célula animal. Para a visualização da célula animal, com um cotonete, um esfregaço da mucosa da boca de uma aluna cobaia foi retirado e posto em uma lamina, adicionamos azul de metileno e posteriormente colocamos para cobrir uma lamínula, para retirar o excesso do produto usamos um papel toalha, levamos ao microscópio e pudemos observar na lente de 100x pudemos fazer a observação.

Nas imagens a seguir podemos observar os alunos realizando o procedimento da prática e a visualização das células ao microscópio óptico.

Figura 1: Refere-se aos alunos realizando o procedimento da prática e visualizando as células animal e vegetal no microscópio.





Fonte: autora/2017

Posteriormente voltamos para a sala de aula e abrimos uma discussão em uma roda de conversa em que os alunos expressaram a sua opinião em relação à aula e sua importância na aprendizagem.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Para obter os resultados desse trabalho lançamos uma discussão, referente à importância da atividade prática que fizemos.

Durante o procedimento da aula prática pudemos observar no semblante dos estudantes à alegria, a autoestima, a motivação. Posteriormente tivemos o feedback, onde eles puderam expressar suas opiniões em discussão. Os estudantes declaravam que: “Aulas assim são importantes, aprendemos melhor o que estamos estudando” (Mauricio) “Professora estudar assim é bem melhor do que ficar lendo, ouvindo esses nomes esquisitos que a ciência explica” (Paulo) “Essa aula foi muito boa, aprendi bastante” (Maria) “Muito bom estudar assim” (José) “Se as aulas de Ciências forem assim poderemos aprender mais” (Alisson), “Fiquei emocionada, pois nunca tinha entrado

em um laboratório, foi uma experiência impar” (Sabrina) “Conseguir ver a célula, como está organizada é uma tecnologia avançada, isso foi simplesmente maravilhoso” (Pedro) estes foram alguns dos discursos dos alunos, que emocionalmente expressaram a experiência de visualizar as células e relataram a importância de aulas com esse modelo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pudemos ter a certeza que o Ensino de Ciências deve ser pautado em unir a teoria com a prática, sobre tudo para os alunos da EJA, que já vem rotulado de fracassados, por dois motivos: um de ter sido obrigado a desistir de estudar, pois não tiveram oportunidade de estudar no passado, ou por ter sido reprovado por muitos anos em uma série, e com isso já estão fadados de tal modelo de aulas expositivas, do qual só utiliza-se a teoria com conceitos muito enfadonhos.

De modo geral na observação durante a realização da prática pudemos observar a motivação dos alunos, em tirar as dúvidas, em discutir sobre as indagações, pois essas atividades tornam-se momentos de descontração, do qual os estudantes sentem-se livres de executar a tarefa e desenvolver a atividade que for proposta, discutir, ensinar os colegas, ou até explicar aos que não compreenderam.

Destaca-se também que existe uma gama de recursos que podem contribuir para a realização de aulas diferenciadas, como: materiais coletados na natureza, recursos alternativos, computadores, jogos educativos e materiais lúdicos confeccionados, a partir de materiais reciclados que podem contribuir para o ensino de Ciências ou Biologia.

Esse trabalho comprova que quando acrescentamos atividades práticas ao cotidiano escolar, as nossas aulas tornam-se atrativas, os alunos ficam mais alegres, motivados e de certa forma a aprendizagem torna-se efetiva, significativa.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998

CAPELETTO, A. Biologia e Educação ambiental: Roteiros de trabalho. Editora Ática, 1992. p. 224.
FRACALANZA, H. et al. O Ensino de Ciências no 1º grau. São Paulo: Atual. 1986. p.124.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

DEMO, Pedro. **Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa**. Petrópolis, Vozes, 2000.

DIAS, J.H.R. et al. A utilização de materiais alternativos no ensino de Química: um estudo de caso na E. E. E. M. Liberdade do município de Marabá-Pará. *36ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química*. Disponível em: <http://www.eventoexpress.com.br/cd-36rasbq/resumos/T0744-1.pdf>. Acesso em 11 de Dezembro de 2013.

HODSON, H. Experimentos em ciência e no ensino de ciências. Belo Horizonte: CECIMIG. 1996. (Circulação interna). Traduzido de: Experiments in science and science teaching. *Educational Philosophy and Theory*, 20 (2), 53-66. Tradutor Johana A. E. de Knegt López de Prado.

HODSON, D. Mini-special issue: taking practical work beyond the laboratory. *International Journal of Science Education*, v.20, n.6, p. 629-632, 1998.

HODSON, D. Becoming critical about practical work: changing views and changing practice through action research. *International Journal of Science Education*, v.20, n.6, p. 683-694, 1998.

LORENZO, J. G. F. et al. Construindo aparelhagens de Laboratório com materiais alternativos - PIBID/IFPB. *Congresso Norte – Nordeste de Pesquisa e Inovação 2010*. Disponível em: <http://connepi.ifal.edu.br/ocs/anais/conteudo/anais/files/conferences/1/schedConfs/1/papers/1183/public/1183-5393-1-PB.pdf>. Acesso em 11 de Dezembro de 2013.

LUNETTA, V. N. Atividades práticas no ensino da Ciência. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 2, n. 1, p. 81-90, 1991.

LUNETTA, V. N. The school science laboratory: historical perspectives and contexts for contemporary teaching. *International handbook of science education*, p. 249-262, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/ SECRETARIA DE ENSINO FUNDAMENTAL. Proposta curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental, v.3, p.71, 2002.

MONOGRAFIAS BRASILESCOLA ESCOLA. Disponível em: <http://monografias.brasilescola.com/fisica/laboratorio-divergente-alternativo-para-ensino-fisica.htm>. Acesso em 11 de Dezembro de 2013.

MOREIRA, Marco Antônio.(1999). **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora da UnB. Revisado em 2012.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de ensino e aprendizagem. Revista brasileira de educação, n.12, p.59-73, set/out/nov/dez. 1999.

RESES, Gabriela de Leon Nóbrega. **Didática e Avaliação no Ensino de Ciências Biológicas**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2010.

RONQUI, Ludimilla; SOUZA, Marco Rodrigo de; FREITAS, Fernando Jorge Coreia de. **A importância das atividades práticas na área de biologia**. Revista científica da Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal – FACIMED. 2009. Cacoal – RO. Disponível em:<http://www.facimed.edu.br/site/revista/pdfs/8ffe7dd07b3dd05b4628519d0e554f12.pdf>. Acesso em 03 de Dezembro de 2013.

VIVIANI, Daniela; COSTA, Arlindo. **Práticas de Ensino de Ciências Biológicas**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2010.

VON LINSINGEN, Luana. **Ciências Biológicas e os PCNs**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2010.

O artigo deverá ser elaborado em, no mínimo, 8 (oito) e, no máximo, 12 (doze) páginas. O texto deverá ser elaborado em formato Word na versão 2007 ou inferior, tamanho A4, margens superior/esquerda 3,0 cm e inferior/direita 2,0 cm. Deve ser empregada fonte TIMES NEW ROMAN, corpo 12, justificado e espaçamento 1,5.

O Artigo deverá conter Introdução (justificativa implícita e objetivos), Metodologia, Resultados e Discussão (podendo inserir tabelas, gráficos ou figuras), Conclusões e Referências (As citações e as referências no texto devem seguir as normas de ABNT).

Autores: inserir o(s) nome(s) completo(s) do(s) autor(es), apenas as iniciais em maiúsculas, centralizado e regular, fonte TIMES NEW ROMAN tamanho 12. Deixar 1 linha em branco após a indicação de autoria do trabalho.

Afiliação autores: inserir nome completo da instituição de origem, centralizado e itálico, fonte TIMES NEW ROMAN tamanho 10, seguido do e-mail. Deixar 1 linha em branco após a indicação da afiliação.

O Artigo deverá conter Introdução (justificativa implícita e objetivos), Metodologia, Resultados e Discussão (podendo inserir tabelas, gráficos ou figuras), Conclusões e Referências (As citações e as referências no texto devem seguir as normas de ABNT).